



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS VI

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ÉRIKA ELLEN DANTAS DE ALMEIDA

**AMBIVALÊNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO *MISS*
ALGRAVE, DE CLARICE LISPECTOR**

MONTEIRO/PB

AGOSTO-2017

ÉRIKA ELLEN DANTAS DE ALMEIDA

**AMBIVALÊNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO *MISS
ALGRAVE*, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título em Licenciatura em Letras à Coordenação do Curso em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI.

Orientador: Prof. Me. Carlos P. de Almeida

MONTEIRO/PB

AGOSTO – 2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447a Almeida, Érika Ellen Dantas de.

Ambivalência da condição feminina no conto Miss Algrave, de Clarice Lispector [manuscrito] / Érika Ellen Dantas de Almeida. - 2017.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida, Departamento de Letras".

1. Escrita feminina. 2. Condição feminina. 3. Ambivalência.
4. Clarice Lispector. I. Título.

21. ed. CDD 801.959

ÉRIKA ELLEN DANTAS DE ALMEIDA

**AMBIVALÊNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO *MISS*
ALGRAVE, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título em Licenciatura em Letras à Coordenação do Curso em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI.

Aprovada em: 03 / 08 / 2017

Carlos Pereira de Almeida

Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida / UEPB

Orientador

Saulo Santana de Aguiar

Prof. Esp. Saulo Santana de Aguiar / UEPB

Examinadora

Simone dos Santos Alves Ferreira

Profª. Ma.. Simone dos Santos Alves Ferreira / UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados pais, pelo constante incentivo e por serem meu espelho. Dedico também ao meu amado e inesquecível irmão Fabrício (in memoriam), que, pela luta travada contra séria enfermidade, embora tendo partido, me ensinou o valor de uma batalha pela vida e pelos sonhos e objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a conquista desse objetivo primeiramente a Deus, por ter me mostrado forças em momentos de aflição e pensamentos de desistência.

Agradeço aos meus queridos pais, por toda a motivação e pela compreensão demonstradas ao longo dessa jornada.

À minha irmã Estéfane, que, apesar de ser mais jovem, sempre demonstrou ter confiança na minha conquista de mais este objetivo traçado.

À minha prima Suênia, pelas contribuições acadêmicas e intelectuais e pela demonstração de afetividade, que tanto me auxiliaram.

Aos amigos Aldo e Sayonara, por também estarem ao meu lado nesta caminhada, depositando confiança e fé no meu potencial, incentivando nos momentos de angústia e ansiedade.

Aos queridos professores do CCHE, José Luís Cavalcante e Carlos Pereira de Almeida. O primeiro, por seus incentivos e motivações. O segundo, por ter aceitado me orientar neste empreendimento, sobre o qual sabia que iria demandar energia existencial. Sou muito grata aos dois mestres.

Já tentei olhar bem de perto o rosto de uma pessoa – uma bilheteria de cinema. Para saber do segredo de sua vida. Inútil. A outra pessoa é um enigma. E seus olhos são de estátua: cegos.

(Clarice Lispector)

RESUMO

A obra de Clarice Lispector caracteriza-se pela inserção da discussão existencial no campo da abordagem do feminino. Em sua literatura, a filosofia do sujeito aglutina-se com maestria à filosofia da diferença, da alteridade. A coletânea de contos *A via crucis do corpo* (2000) representa de forma marcante essa tendência da escrita da autora. Aqui, as narrativas empreendem uma busca de compreensão da ambivalência do desejo, das potencialidades dialéticas de emancipação e escravidão que atuam na experiência do prazer. As agruras do corpo feminino experienciado em formas de busca e alcance do gozo, bem como sua aprendizagem libertária, são as marcas preponderantes de tais narrativas. No conto objeto de nossa leitura, *Miss Algrave*, a passagem de um mundo de interdições impostas ao feminino a um campo de atuação de busca pelo gozo se dá pelo reconhecido recurso clariceano da epifania, aproximando-se, no caso específico do conto em análise, da linguagem fantástica, uma vez que onírico e surreal. Embora menos flagrantemente do que na maioria das narrativas da coletânea, aqui também se vê a ambivalência entre a emancipação e a obediência, mesmo após o evento epifânico transformador. A partir de sugestões e enfoques acerca da escrita de autoria feminina e suas relações com o corpo, o desejo e o prazer em suas ambivalências com o interdito, a emancipação e os modos de ser/estar femininos pautando-nos em Xavier (1998), Bocayuva (2007) e Silva (2010), e abordagens da literatura como contrafação do real, fenômeno humano capaz de instaurar formas de questionar e subverter a realidade à luz de Ricoeur (1990), Candido (2000) e Todorov (2012), aventamos no presente trabalho uma leitura que busca a compreensão das percepções do desejo, das antinomias envolvidas na experienciação do corpo, no campo da condição feminina, no conto *Miss Algrave*, de Clarice Lispector.

Palavras-chave: escrita de autoria feminina, emancipação/interdição, ambivalência.

ABSTRACT

Clarice Lispector's work is characterized by the insertion of the existential discussion in the field of the feminine approach. In her literature, the philosophy of the subject agitates with mastery to the philosophy of difference, of alterity. The collection of short stories "A Via Crucis do Corpo" (2000) represents a striking trend in the author's writing. Here, the narratives undertake a search for an understanding of the ambivalence of desire, the dialectical potentialities of emancipation and slavement that act in the experience of pleasure. The hardships of the female body experienced in ways of pursuit and reach of enjoyment, as well as its libertarian learning, are the preponderant marks of such narratives. In the story of our reading, Miss Algrave, the passage from a world of interdictions imposed on the feminine to a field of search for enjoyment is given by the recognized Claricean appeal called Epiphany, approaching of fantastic language - in the specific case of the tale under analysis, once dreamy and surreal. Although less blatantly than in most of the collection's narratives, one also sees the ambivalence between emancipation and obedience, even after the transforming epiphanic event. Based on suggestions and focuses on feminine writing and its relations with the body, desire and pleasure in its ambivalences with the interdict, emancipation and feminine ways of being based on Xavier (1998), Bocayuva (2007) and Silva (2010), and approaches to literature as a counterfeit of the real, a human phenomenon capable of instituting ways of questioning and subverting reality in the light of Ricoeur (1990), Candido (2000) and Todorov (2012). In the present work we throw a reading that seeks the understanding of the perceptions of desire, of the antinomies involved in the experience of the body, in the field of the feminine condition, in Miss Algrave tale, by Clarice Lispector.

Key words: female authorship, emancipation / interdiction, ambivalence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A escrita feminina e o corpo-texto como compreensão de si	12
1.1. Literatura como representação/contrafação do real	13
1.2. A escrita feminina: o corpo redescoberto e a solidão da transgressão	16
2. A condição feminina em <i>Miss Algrave</i>: a ambivalência do corpo como bênção e maldição	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Há uma inegável dialética na engrenagem do empreendimento artístico, da elaboração literária, do depoimento ficcional. Tais atividades humanas, produções a um só tempo concretas e simbólicas, embora se construam com base na representação e expressão da realidade, tendem também a manter com esta realidade circundante em que são operadas um enfrentamento que se caracteriza pela contrafação do real, ou seja, sugerem uma outra proposição de mundo, aventam possibilidades de ser no mundo. O texto literário, a prosa de ficção, o poema, conferem à realidade do ser a abertura de novas possibilidades de estar no mundo.

Toma-se do mundo concreto, da realidade sociocultural, os dados da linguagem e as formas modelares de estar no mundo, de se comportar no âmbito de uma coletividade, impostas, no tempo e no espaço, por instituições tantas vezes compromissadas com a perpetuação de uma ordem. A linguagem literária opera-se enquanto distanciamento contínuo dessa realidade de mundo, transcende as formas dadas do cotidiano, usando-as, parece óbvio, mas operando sobre elas o processo da contrafação. A literatura opõe o *poder-ser* ao *ser-dado*.

Com a gradual tendência de substituição de uma filosofia do sujeito para uma filosofia da diferença, fenômeno epistêmico e cultural que marca a modernidade tardia (HALL, 2006), a tendência da elaboração literária para a representação/contrafação do real torna-se mais evidente. Ao sujeito humano caracterizado pela marca imanente do macho adulto branco, exprimindo seus dilemas existenciais, a literatura da diferença opõe a constituição concreta da alteridade. Parece evidente que as problemáticas existenciais não são abolidas dos universos ficcionais, entretanto agora passam a conferir-lhes concretude, delimitação, consideração de problemáticas bem específicas, evidenciadas no universo social. A escrita da diferença retrata os modos de estar no mundo de indivíduos excluídos até então, degredados das formas diretivas de emancipação e poder, desprovidos, por força de instituições modelares, do poder de ação e agência humana. Os valores tidos como imutáveis e inexoráveis são postos em xeque, os modelos de comportamento são questionados e subvertidos, mas não decerto sem ambivalências, sem fluxos paradoxais cujos polos se caracterizam pela emancipação/obediência, resistência/identificação, transformação/permanência.

Na esteira dessa episteme da diferença, a literatura paulatinamente, seja com a ajuda da Academia, em cujo interior novas mentalidades passam a operar, seja por intermédio das novas visões do Mercado, passa a solapar valores do cânone. A escrita feminina é uma das grandes forças constitutivas dessa quebra. E o corpo, então, ganha status de temática literária, problemática poética. A literatura produzida por mulheres vincula-se, sobremaneira, à tematização e discussão do corpo, suas vicissitudes, demandas, escolhas, dramas.

Na literatura feminina produzida no Brasil, uma obra produzida pela inserção da tematização do corpo, suas demandas, escolhas, gozos e tiranias, no campo ainda da discussão existencial é marcadamente produzida por Clarice Lispector (1926-1977), sobretudo em suas narrativas curtas, que deslizam claramente da oposição metafísica eu interior/transbordamento suprapessoal mais evidente em sua produção romanesca para a problemática da condição feminina afetada pela consciência da diferença, a partir da experiencição das agruras do império das exigências do corpo. Há ainda intimismo, mas o corpo, dialética desse interior/exterior, urge e ruge e, para além das visíveis possibilidades do questionamento de regras e tabus que normatizam o desejo e o prazer, para além das promessas de felicidade vislumbradas pelo vivenciamento do gozo erótico, muitas das personagens femininas da contística de Clarice imergem em dramas e agruras. Está posta para a mulher a via crucis do corpo.

Não sem razão, e querendo crer na pertinência, escolhemos precisamente um conto da coletânea *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector. Sobre tal narrativa, sugerimos uma leitura acerca das ambivalências do feminino na experiencição do corpo enquanto possibilidade de emancipação, tentando empreender uma interpretação que demonstre a relação nítida, sobretudo na escrita feminina, entre texto e corpo, artefato literário e representação/contrafação de modelos regulamentadores de comportamentos, possibilidade de acesso à compreensão de si instaurada pela coisa mesma do texto, o universo da obra (RICOEUR, 1990), sem que, entretanto, mormente nos contos da coletânea que escolhemos, essa compreensão de si seja livre de ambivalências e crises subjetivas.

De qualquer maneira, observamos que no nosso conto escolhido para leitura, *Miss Algrave*, a crise subjetiva, após o evento epifânico que beira o fantástico, não é tão flagrante e contundente quanto nas outras narrativas da coletânea. Mas isso não é objeto de nossa análise.

Intencionando o bom encaminhamento das discussões, propomos a divisão do trabalho em dois capítulos, divididos, por sua vez, em tópicos que tentarão dar conta do andamento adequado de nossas sugestões teóricas. Abaixo, descrevemos brevemente os capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “A escrita feminina e o corpo-texto como compreensão de si”, tem como tópicos a serem abordados “Literatura como representação/contrafação do real” e “A escrita feminina: a redescoberta do corpo e a solidão da transgressão”.

No primeiro tópico, buscamos apreender a literatura como atividade humana concretizada pelo conjunto de produções, a um só tempo materiais e simbólicas, que representam e expressam a realidade circundante em que se evidenciam de maneira a empreender enfrentamentos que se caracterizam pela contrafação do real, isto é, sugerem uma outra proposição de mundo, aventam possibilidades de ser no mundo, em contraposição ao ordenamento modelar que impõe valores excludentes no seio da sociedade. O segundo tópico busca focar a escrita literária feminina como elaboração artístico-cultural que empreende, mediante a tematização do corpo, a discussão acerca dos processos de imposição de modelos comportamentais calcados no falocentrismo e no patriarcalismo. Busca-se compreender como a literatura feminina aborda a relação entre interdito social, emancipação pelo corpo e as demandas e respostas da condição feminina nessa dialética.

O segundo capítulo, intitulado “A condição feminina em *Miss Algrave*: a ambivalência do corpo como bênção e maldição”, no qual se evidencia a leitura mais especificamente do conto escolhido para análise, com base nas abordagens teóricas do capítulo anterior, aborda-se a importância da religião como marca responsável pela inicial interdição introjetada pela protagonista do conto, que vê sujeira e repugnância em aspectos e comportamentos relacionados ao uso do corpo como busca de prazer. Discute-se também a transformação da personagem na apreensão e vivenciamento de tais aspectos. Transformação caracterizada pela experiência simbólica fantástica, a conseqüente transgressão dos valores em que fora educada a protagonista e a ambivalência em que se vê imersa, indicada não só pela esperança de reencontro com a personagem insólita instauradora da transformação, mas também pela experimentação da liberdade instaurada por esse encontro fantástico, como se verá no prosseguimento de nossa análise do conto.

1. A escrita feminina e o corpo-texto como compreensão de si

“Pois foi com Dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.[...]

- Quando é que passa?

- Passa o quê, minha senhora?

- A coisa.

- Que coisa?

- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.

- Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

- Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!

- Não importa, minha senhora. É até morrer.

- Mas isso é o inferno!

- É a vida, senhora Raposo.”

(Do conto *Ruído de passos*, de Clarice Lispector)

Com a gradual tendência de substituição de uma filosofia do sujeito para uma filosofia da diferença, fenômeno epistêmico e cultural que marca a modernidade tardia (HALL, 2006), a tendência da elaboração literária para a representação/contrafação do real torna-se mais evidente. Ao sujeito humano caracterizado pela marca imanente do macho adulto branco, exprimindo seus dilemas existenciais, a literatura da diferença opõe a constituição concreta da alteridade. Parece evidente que as problemáticas existenciais não são abolidas dos universos ficcionais, entretanto agora passam a conferir-lhes concretude, delimitação, consideração de problemáticas bem específicas, evidenciadas no universo social. A escrita da diferença retrata os modos de estar no mundo de indivíduos excluídos até então, degredados das formas diretivas de emancipação e poder, desprovidos, por força de instituições modelares, do poder de ação e agência humana.

Aqui, a construção ou aquisição da compreensão de si não se dá, como pretendia o modelo interpretativo cartesiano, por alguma intuição imediata, ou seja, não há mais uma noção fixa e absoluta de imanência do homem soberano e autônomo no processo de percebimento e entendimento de si. Tal compreensão agora se dá a partir da práxis, das

experiências concretas e específicas, em consonância com as demandas, escolhas e necessidades concretas do mundo social e cultural dos sujeitos.

O que queremos discutir, neste primeiro capítulo é a apreensão da literatura como atividade humana concretizada pelo conjunto de produções materiais e simbólicas que representam e expressam a realidade circundante em que se evidenciam de maneira a empreender enfrentamentos que aventam contrafação do real, isto é, sugerem uma outra proposição de mundo, apontam possibilidades de ser no mundo, em contraposição ao ordenamento modelar que impõe valores excludentes no seio da sociedade. A partir de tal entendimento do fazer literário, pretendemos abordar a escrita literária feminina como elaboração artístico-cultural que empreende, mediante a tematização do corpo, a discussão acerca dos processos de imposição de modelos comportamentais calcados no falocentrismo e no patriarcalismo. Busca-se compreender como a literatura feminina aborda a relação entre interdito social, emancipação pelo corpo e as demandas e respostas da condição feminina nessa dialética, entendendo que,

se antes havia o silenciamento, o não consentimento em exteriorizar certos aspectos da vida íntima, [...] o sujeito do texto de autoria feminina evoluiu no tempo e adquiriu, consistentemente, a consciência de que para ser feliz, para encontrar o seu ponto de equilíbrio, não é necessário se submeter a regras arcaicas que mantinha valores não condizentes com a realidade coletiva e individual [...] (SILVA, 2010, P.232).

Embora, nos textos de Clarice Lispector, não seja tão leve essa consciência conciliadora e portadora de equilíbrio. As narrativas de *A via crucis do corpo* não tendem a tal compreensão de si por parte do feminino, liberta de sentimentos conflitantes. O conto *Miss Algrave*, como veremos, traduz a ambivalência de sentir necessidade do prazer do corpo e de, ao mesmo tempo, vivenciar a interdição desse prazer, bem como a assunção da emancipação via experiência de tal prazer, mesmo que suscetível às angústias que dele se despreendem.

1.1. Literatura como representação/contrafação do real

Os primeiros escritos sobre as relações entre a atividade artística e a realidade, e a busca da definição da poética como calcada no caráter dessas relações, estão esboçados em

Platão (427-347 a.C) e melhor elaborados em Aristóteles (384-322 a.C). O primeiro, em seu livro III da *República*, e o segundo, na *Poética*, conceituam e classificam o empreendimento e a obra artísticas a partir da noção de mimesis, imitação artística do real. Tenha sido o aspecto ético platônico ou o aspecto estético aristotélico a preponderar nesses primeiros entendimentos sobre a arte poética, é a relação com o real, com a história, com a sociedade, que irá definir e classificar a arte, a poética, a literatura.

Como ficou sugerido, uma que vez que se distanciando do aspecto ético pedagógico e desembocando na compreensão estética dessas relações entre poética e realidade, Aristóteles propõe a distinção entre História e Poética, entre historiador e poeta, asseverando que, diversamente da atribuição do historiador,

[...] o poeta conta, em sua obra, não o que aconteceu e sim as coisas que poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto da perspectiva da verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa [...], a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto que o outro fala das coisas que poderiam suceder. [...] a poética trata das coisas universais e a história cuida do particular (ARISTÓTELES, 2000, p. 47 apud SOARES, 2005, p. 10)

Embora marcada por uma visão universalizante da atividade literária, notadamente caracterizada por certo essencialismo, a noção aristotélica aponta para algo que confere à tal atividade e aos seus produtos a potencialidade de imitação do real, não apenas no nível do que é (ou aparenta ser), mas no nível do que poderia ser. A relação que se estabelece com o conjunto de referentes é, portanto, de contrafação. Já aqui em Aristóteles vê-se a nódoa do que se sugere ser a criação artística e literária. Representar o real, meramente como é, como conjunto de materialidades dadas e inescapáveis talvez tenha sido, em dado momento de nossa linha temporal, tarefa ou marca da história, mas não da elaboração literária, não da expressão artística acerca da realidade circundante.

Na esteira desses prenúncios teóricos, evidentemente que modificados e reelaborados pelas contingências históricas e acréscimos conceituais ocorridos ao longo do tempo e consideradas as devidas transformações epistêmicas e culturais, Ricoeur (1990, p. 56-57) afirma que

O mundo do texto literário não é, pois, o da linguagem cotidiana. Nesse sentido, ele constitui uma nova espécie de distanciamento que se poderia dizer entre o real e si mesmo. Trata-se do distanciamento que a ficção introduz em nossa apreensão do real. Um relato, um conto ou um poema não existem sem referente. Mas esse

referente estabelece uma ruptura com o da linguagem cotidiana. Pela ficção, pela poesia, abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo na realidade cotidiana. Ficção e poesia visam ao ser, mas não mais sob o modo do ser-dado, e sim sob a maneira do poder-ser. [...] a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real.

A linguagem torna-se literária quando usada como mecanismo que instaura um espaço de relação imaginativa entre interlocutores (autor, narrador, voz lírica e leitor) e a realidade que os circunscreve. Há a fuga do imediatismo, do estereótipo, do ordinário, embora ainda tecendo uma maneira de compreensão da realidade marcada por tais aspectos. Este é tipo de expressão ou representação do real que opera a atividade poética, literária. Busca contrafazê-lo. Interessa-lhe a reorganização do mundo a partir da desorganização de sua lógica, seja ela ontológica, inexorável, seja aparente, dada culturalmente e ligada a mecanismos sociais de poder.

Tal disposição da configuração literária não se vê apenas nas elaborações mais marcadamente longínquas de uma literatura realista. Mesmo nas produções inseridas neste tipo de literatura as obras tendem a operar essa discussão dos referentes, sugerindo a contrafação da realidade. Mais ainda nas literaturas chamadas fantásticas, maravilhosas, seu descendente direto, o realismo fantástico, a operação imaginativa sobre o referente ocorre. E a relação da estrutura dessas últimas com os eventos sociais ou históricos, a tematização, ou seja, a interação entre texto e contexto, ocorre também, mesmo que não tão evidente.

De acordo com Cândido, ao sugerir uma compreensão dialética dessa relação agora entre estrutura e tema, texto e contexto, e tentando dirimir uma controvérsia teórica entre estruturalismo e teoria social da literatura, temos que

Só podemos entender uma obra fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que a explicação da obra pelos fatores externos e sua compreensão de independência entre tais fatores e sua estrutura se combinem no processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (CANDIDO, 2000, p. 6).

A nossa reflexão sobre o conto *Miss Algrave*, de Clarice Lispector será pautada por tal compreensão de interpretação literária. Interessa-nos, uma vez concordando que a escrita literária opera variações imaginativas sobre o real, instaura universos que embora representando a realidade a contrafaz, apreender as relações entre o mundo concreto sugerido pela própria narrativa, com suas marcas histórias e culturais, e a operação imaginativa que

esta narrativa efetua sobre a realidade, mais do que reproduzindo-a, contrafazendo-a. Embora haja a sugestão clara no conto escolhido de transgressão de valores, emancipação pela assunção do prazer do corpo, e não obstante seja tal sugestão evidenciada, como se verá, através do namoro com o fantástico, tal transgressão, tal proposição de emancipação, não terá sido realizada sem ambivalência, sem contradição.

De todo modo, antes de entrarmos na discussão propriamente dita do conto, vamos abordar brevemente algumas questões concernentes à escrita literária feminina.

1.2. A escrita feminina: o corpo redescoberto e a solidão da transgressão

Os defensores da noção do descentramento do sujeito¹ costumam listar como quinto evento histórico, cultural e epistêmico a estar envolvido em tal fenômeno social o advento do feminismo, bem como sua repercussão no surgimento de outros movimentos com feições semelhantes, isto é, questionadores do sujeito soberano e autônomo caracterizado pelos marcadores qualificativos do tipo macho adulto branco. Tais movimentos, postos em cenário sobretudo a partir da década de 1960 do século XX, põem em xeque, como recrudescimento de um processo que já se desenvolvia desde o fim do século XIX, a filosofia do sujeito e instauram um universo epistêmico do pensamento da diferença. Segundo Hall (2006, p. 45-46),

O feminismo abriu para o campo da contestação política arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho, a divisão doméstica do trabalho [...], politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. [...] Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. Questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual.

¹ Sem pretender aqui adentrarmos numa discussão mais aprofundada sobre tal questão, e seguindo as sugestões de Hall (2006), breves mas bastante elucidativas e didáticas, observe-se que o descentramento do sujeito se dá por cinco eventos: a descentração operada pela tradição marxista e sua noção de ideologia e das condições históricas concretas, a descoberta do inconsciente por Freud sua repercussão na obra de Lacan, a linguística de Saussure, as formulações de Michel Foucault e, finalmente, o feminismo e suas reverberações nos demais movimentos de minoria, ou movimentos da *política de identidade*, tudo questionando uma essência universal do homem.

Há implicações deste processo em todos os âmbitos do conjunto das práticas materiais e também simbólicas na sociedade. O conjunto das elaborações literárias de autoria feminina passa por transformações e incorpora em suas temáticas e modos de dizer o reconhecimento de si pela imersão no universo amplo e complexo do corpo e suas demandas bem específicas². Essa tendência vai ganhando força e surge, então, toda uma tradição da produção literária de autoria feminina, sobretudo nos países em que já se evidenciava a modernidade tardia, que começa a romper com certos modelos ainda presos aos padrões da produção de autoria masculina, que vigorava até a metade do século XX. A partir daqui, a escrita feminina passa a incorporar essas discussões sobre a condição concreta específica do ser feminino. Pela experiência diversa do corpo, toma logo robustez o caráter erótico dessa literatura, evidenciando-se reconhecimento do corpo como instância de transgressão, subversão e libertação e configurando-se a condição paradoxal das personagens femininas mergulhadas num mar turbulento de interdição, transgressão pelo desejo e solidão.

Uma vez que na produção literária de autoria feminina “[...] estão representados vários aspectos da condição feminina como a repressão sexual e a falta de perspectivas existenciais [...], a monotonia e a estreiteza do casamento como destino da mulher (XAVIER, 1998, p. 36), o insulamento proveniente do questionamento e negação de tal destino, algumas indagações se impõem, sobretudo após o advento da cultura e da episteme da diferença, posta em cena na metade do século XX, quando as interdições deixam de ser sublimadas pela fantasia romântica inacessível, pela imaginação amorosa nefilabata, e passam a ser questionadas e subvertidas pela assunção do gozo. De acordo com Silva (2010, p. 32-33),

No bojo desta temática, surgem algumas questões: há uma erótica feminina? As mulheres escrevem literatura erótica ou tematizam o erotismo como subversão da ordem patriarcal? O código erotográfico (se assim é possível dizer) é conhecido e usado com fins políticos pelas mulheres?

Uma vez que as respostas para tais questões não sejam tão simples, posto que se trata mesmo de uma problemática bastante complexa, carregada de hesitações e paradoxos, no interior de uma produção ficcional em que as personagens se encontram na encruzilhada de se ter abandonado um mundo sem que haja estrutura para se enfrentar o outro (XAVIER, 1998,

² Nos séculos XVIII e XIX ganhou certa tendência a discussão sobre a problemática da inclusão da mulher no cenário da produção literária, não apenas como escolha temática, mas como possibilidade autoral. Na época, para se ter uma ideia do caráter ainda emergente do novo fenômeno, já afirmava John Stuart Mill (1806-1873) que “A maior parte do que as mulheres escrevem é mera bajulação aos homens” (MILL, 2006, p.45 apud SILVA, 2010, p. 33).

p. 50) a ambivalência se impõe como marca da representação. Desse modo, ainda segundo Silva (2010, p. 45-46),

Se foi pensado que na apropriação da linguagem por parte das mulheres residia a suposta emancipação delas, verificou-se, em parte, que o domínio da escrita do desejo, de Eros, a linguagem transgressora e/ou obscena não são capazes de emancipar as mulheres representadas.

Ainda que tal ambivalência se imponha no universo da representação literária de personagens femininas, e que haja a hesitação clara entre os confins de prazer que corpo sugere e o receio da solidão angustiante que aparenta impor como efeito colateral, a escrita literária feminina instaura a discussão sobre demandas e necessidades típicas da experiência existencial feminina. E tal condição é marcada pela percepção desse corpo como benção e maldição. A normaticidade dos códigos de comportamento e a internalização de tais modelos de ser e de estar no mundo são de algum modo abaladas quando representadas, discutidas no conjunto de uma obra, no todo de um relato, de um poema, de um romance ou conto. Desse modo opera-se a contrafação do real imposto à condição feminina, não, entretanto, sem as ambivalências que estão implicadas nessa disposição transgressora.

2. A condição feminina em *Miss Algrave*: a ambivalência do corpo como benção e maldição

“O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno. E era fascinante, e ela sentia nojo.”
(Do conto *Amor*, de Clarice Lispector)

A obra de Clarice Lispector, marcada em sua produção romanesca pela representação intimista da realidade, destoando, em certo sentido, da literatura social que a precedeu na linha de nossa historiografia literária, evidencia-se, sobretudo em suas narrativas curtas por certo psicologismo de acentuado caráter onírico. A investigação temática realizada por sua escrita muitas vezes quase surreal, ainda assim, segundo nos parece, não exclui a visão clara de uma sociedade que impõe códigos de postura, modelos de comportamento e exclui alguns sujeitos e grupos humanos. A discussão existencial das dores do ser humano incorpora, de maneira evidente, a representação da realidade da mulher. Representação que, é verdade, oscila entre a resistência e o conformismo, a transgressão libertadora e a obediência cristalizada pela exaustão.

O conjunto da obra demonstra uma dialética cujo fluxo consiste no jogo ambivalente da interdição social e cultural (imposição feita a certos sujeitos e grupos, como a mulher), o conflito transgressão/conformismo, e, seja num caso como no outro, a crise. A crise é posta muitas vezes pela transformação ou pela comodidade da fadiga existencial e seu aparente sossego. A linguagem de seus romances e contos toca em mito a poesia. E assim o faz muito por conta do onirismo flagrante, da transmutação mítica ou figurada que se opera mediante o recurso da epifania³. Percepção reveladora, muitas vezes transformadora do enredo que preenche o universo ficcional, posto que modifica o pensamento e a vida da personagem, a epifania em Clarice Lispector não raro se configura mediante o recurso próximo ao fantástico ou ao insólito.

³ “Epifania, tal como a concebeu James Joyce, é identificada como uma espécie ou grau de apreensão do objeto que poderia ser identificada com o objetivo do conto, enquanto uma forma de representação da realidade. [...] uma manifestação espiritual súbita, em que o objeto se desvenda ao sujeito. Trata-se, em última instância, do modo de se ajustar um foco ao objeto, pelo sujeito.” (GOTLIB, 2006, p. 51).

Este é inquestionavelmente o caso do conto *Miss Algrave*. Inserido no livro *A via crucis do corpo*⁴, obra marcada pela ambivalência do transbordamento, sobra, excesso, falta, carência, o conto retrata a história de Ruth Algrave, mulher pudica e virgem, datilógrafa puritana, que reside em Londres. Filha de um pastor protestante já falecido, vivia sozinha mas ainda tinha mãe e irmão. A vidinha de casa para o trabalho e do trabalho para casa é marcada no início da narrativa pela sensaboria de uma existência oprimida pelo julgamento da sociedade e seus padrões. Ruth sente-se culpada até pelos desejos e brincadeiras de tonalidades eróticas da infância e sente repugnância por tudo que remete aos desejos da carne, aos prazeres advindos da realização de tais desejos.

O início do conto já aponta para algo que, de algum modo, transformou sua vida, algum acontecimento que eclodiu nela uma nova percepção de mundo e das forças que regem os corpos das pessoas. Vejamos dois conjuntos de fragmentos que atestam essa ambivalência vivenciada pela personagem, muito em decorrência desse evento narrativo insólito que, claro, para além de sua obscuridade simbólica, próxima ao fantástico, sugere uma transformação ocasionada por uma experiência física:

Ela era sujeita a julgamento. Por isso não contou nada a ninguém. Se contasse, não acreditariam porque não acreditavam na realidade. Mas ela, que morava em Londres, onde os fantasmas existem nos becos escuros, sabia da verdade.

Seu dia, sexta-feira, fora igual aos outros. Só aconteceu sábado à noite. Mas na sexta fez tudo igual como sempre. Embora a atormentasse uma lembrança horrível: quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com o primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Se era culpada, ele também o era.

Solteira, é claro, virgem, é claro. Morava sozinha numa cobertura em Soho. Nesse dia tinha feito suas compras de comida: legumes e frutas. Porque comer carne era considerado pecado

Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens na esquina, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar! E aquela estátua de Eros, ali indecente. (LISPECTOR, 2000, p. 13).

[...]

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo:

- Quem é?

- Eu sou um eu.

Quem é você? Perguntou trêmula.

- Vim de Saturno para amar você

- Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou.

[...]

⁴ Na apresentação de uma das edições da obra (a que é utilizada nas Referências do nosso trabalho), a professora Ana Cristina Chiara afirma ser o corpo a grande personagem das narrativas dessa coletânea. Segundo suas palavras, “[...] o corpo nos seus desarranjos pulsionais, na tirania de seus desejos, nas suas fraturas e feridas, nos seus êxtases.” A obra foi publicada em 1974, trinta de depois da primeira publicação da autora, o romance *Perto do coração selvagem*.

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. Rosas negras.

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado (LISPECTOR, 2000, p. 16-17).

Em ambos os conjuntos de fragmentos, vemos delineadas algumas características da personalidade da personagem protagonista a partir dos modos como apreende a sexualidade, seus interditos e seu poder de transformação mediante a subversão das normas de comportamento oferecidas ao feminino sobretudo. Sugere-se que um conjunto de normas não é algo imanente aos processos que regem a vida e que regulamentam os organismos, mas uma produção social cuja finalidade é a disciplinarização dos corpos, a administração de certas individualidades destoantes, dentre estas a mulher (BOCAYUVA, 2007, p.31).

O evento narrativo insólito, aproximado do fantástico⁵ aponta para a sugestão de uma transformação no nível do entendimento sobre sua própria sexualidade por parte da protagonista Ruth Algrave.

No primeiro conjunto de fragmentos, verifica-se a relevância do poder da religião como marca responsável pela inicial interdição internalizada pela protagonista do conto, que vê sujeira e repugnância em aspectos e comportamentos relacionados ao uso do corpo como busca de prazer, como possibilidade de proporcionar e adquirir prazer. Mais adiante, nos fragmentos do segundo conjunto, tem-se a configuração da transformação da personagem na apreensão e vivenciamento de tais aspectos. Transformação caracterizada pela experiência simbólica fantástica, a consequente transgressão dos valores em que fora educada a protagonista e a ambivalência em que se vê imersa, indicada pela esperança de reencontro

⁵ Ao longo de nossas formulações sobre o evento narrativo que sugere a transformação da personagem Ruth Algrave, no que tange à sua percepção e comportamento da sexualidade, vimos insistindo numa marca aproximada do insólito, da narrativa fantástica. Mas, do mesmo modo que não se faz foco da nossa leitura o aprofundamento teórico sobre o aspecto epifânico (sobre o qual já baixamos uma nota anterior), do mesmo modo não é nosso objetivo abordar noções sobre as definições, características e distinções entre narrativa fantástica, conto maravilhoso e outras marcas do “estranho” definidoras do caráter insólito de uma narrativa como um todo ou de partes dela. De todo modo, como brevíssima contribuição para o desanuiamento básico de tais noções e de suas distinções entre tais aspectos, citamos aqui Todorov (2012, p. 30-31) quando diz que “Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas neste caso a realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o Diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou então existe realmente [...]. O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento sobrenatural.”

com a personagem insólita instauradora da transformação, propiciadora da primeira grande experiência orgástica da protagonista.

Antes de prosseguirmos com a leitura interpretativa do conto, acompanhada, claro, da transcrição de fragmentos e acompanhamento de sua narrativa, vamos à citação de um trecho do texto que abre a coletânea *A via crucis do corpo*. O Título é *Explicação* e parece querer cumprir o papel de um prefácio, apresentando uma voz enunciativa muito próxima da autoria real, isto é, trata-se da própria Clarice Lispector alertando os potenciais leitores acerca dos motivos que impulsionaram tais escritos, os contos que constam na coletânea, as formas como foram surgindo as estórias, suas implicações morais na consciência da escritora.

[...] Comecei no sábado. No domingo de manhã as três histórias estavam prontas: “Miss Algrave”, “O corpo” e “Via crucis”. Eu mesmo espantada. Todas as histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. [...] Hoje é dia 12 de maio, Dia das Mães. Não fazia sentido escrever nesse dia histórias que eu não queria que meus filhos lessem porque eu teria vergonha. [...] Que podia fazer? Senão ser a vítima de mim mesma (LISPECTOR, 2000, p. 11).

Muito da escritora Clarice Lispector aparece nesta apresentação da obra, o modo como entende a literatura, as contradições morais em que se veem imersas, ela, a autora, e suas personagens, sobretudo as mulheres. Ambivalência cujos polos são saber ser o erotismo uma instância de subversão feminina e saber ser tal transgressão a fenda da solidão, o espaço abismal do insulamento. Sua obra, então, é toda uma dialética difícil de encontrar superação, uma ambivalência entre a tirania do corpo ainda que liberto das interdições sociais e a condenação, quer nos parecer, inescapável da condição propiciada pela libertação orgástica. “A lembrança do gozo começa a exercer a sua tirania”, como avisou Baudelaire, em *Um comedor de ópio*, relatos obre a experiência com ópio vivenciada pelo escritor inglês Thomas De Quincey. Se citamos aqui o poeta francês, um dos fundadores da poética moderna, é porque tal assertiva ou ponderação traduzem a concepção expressa na coletânea de narrativas de onde extraímos o conto sobre o qual debruçamos nossa leitura.

Está aqui muito sobre a obra *A via crucis do corpo*, o seu conjunto, as partes que a constituem (os contos) e, obviamente, sobre o nosso conto *Miss Algrave*, narrativa que abre a coletânea. Voltemos à sua leitura.

A vida de Ruth Algrave resume-se a esta recalcitrante obstinação de recusa e abominação contra as demandas do corpo, embora não fosse feia. “Era uma mulher bonita. Orgulhava-se muito de seu físico: cheia de corpo e alta” (LISPECTOR, 2000, p.14). O único banho por semana era com as peças íntimas de vestuário, em virtude de se recusar a ver sua

própria nudez. Rezava antes de se recolher e ao despertar e, nas folgas, quando ia ao parque, deitava na grama para saborear sua leitura predileta: a Bíblia. Embora sentisse difícil a solidão, considerava que a ausência de maiores desassossegos justificava-lhe a aparente convicção de ser feliz: “Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora... Bem, embora” (LISPECTOR, 2000, p.15).

A descrição da personagem e de suas posturas e convicções diante do ordinário dos eventos cotidianos em que estão imersas as pessoas comuns, a condição humana presa a certa tirania dos apelos da carne, o asco demonstrado, a repugnância por tudo que indique vida, é realizada através de uma representação que, por vezes, chega a parecer caricatural. Os tons de exagero são evidentes:

Então dirigiu-se ao Hyde Park e sentou-se na grama. Levava uma Bíblia para ler. [...] Procurou não olhar os casais que se beijavam e se acariciavam sem a menor vergonha. [...] Nem tinha televisão, não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo da transmissão de micróbios. [...] A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocara jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão (LISPECTOR, 2000, p. 16).

Ruth é a encarnação da internalização das normas que regulam a sexualidade e o erotismo impostas e difundidas numa cultura altamente vinculada a uma religiosidade rigorosa e cerceadora. A protagonista é a marca da obstinação por não cair nas garras do pecado original e suas faces ambivalentes. O pecado tem duas faces: ceder à sedução de promessas de bens mais valorosos (no erotismo a possibilidade de prazeres mais intensos) do que os que se possui e transgredir um interdito que se refere ao conhecimento do bem e do mal. Tendo ocorrido o pecado, a sentença é inescapável. Descobrir com vergonha a nudez e a perda do Paraíso, a imersão num mundo agora de infortúnios e agruras, a entrega à própria sorte, ao corte do pacto que conferia ao indivíduo proteção e bem-aventurança.

De acordo com Chauí (1992, p. 82-84),

Costuma-se enfatizar os aspectos conservadores e reacionários da religião (no caso, a cristã) em face da sexualidade: [...] condenação do aborto, do adultério, do homossexualismo (sic), do divórcio; seitas protestantes, como a pentecostal, bradando que é chegado o fim do mundo porque os homens reconstruíram Sodoma e Gomorra; a severa austeridade do vestuário protestante e o obsessivo controle do corpo; a atribuição dos males e doenças ao gosto pelo prazer carnal [...]. Tanto assim, narra o autor bíblico, que estavam nus e não se avergonhavam. Adão e Eva são sexuados, pois Adão afirma não haver maior alegria e delícia do que homem e mulher se tornarem “uma só carne”. Que é perder o paraíso? Tornar-se mortal,

separar-se de Deus e conhecer a dor (lavar a terra estéril, parir no sofrimento). O pecado original (tanto no sentido de *primeiro pecado* quanto no de *pecado de origem*) é uma *queda*: separar-se de Deus, descobrir a morte e a dor, conhecer a carência e a falta.

O acervo de adjetivos e o arsenal de marcas comportamentais apresentadas pela voz narrativa do conto parecem ter o fito de deixar evidente, de maneira quase paroxística, aproximando-se da caricatura, a negação do corpo e dos prazeres eróticos por parte de Ruth Algrave, a ruiva descendente de irlandeses, filha de pastor protestante. Ao mesmo tempo em que aparenta, ao longo dessas descrições, alcançar certo clímax, alguma situação inesperada, algum evento transformador da vida e do pensamento da personagem. Segundo o que já adiantamos no início desse capítulo, o evento narrativo ocorre, com força de acontecimento insólito, com marcas do conhecido recurso clariceano da epifania. O quadro de repressão sexual, com forte teor religioso, mas não apenas, que afeta Ruth Algrave, encontra válvula de escape, a partir de uma noite de sábado, quando algo, que não se sabe, ao certo, é bem verdade, se ocorreu de fato ou se se trata de um engodo narrativo, apenas imaginado, vem à tona no plano da narrativa. A libertação, a ida para a outra margem, o desconhecido interdito explodindo assim na porta do quarto, no leito da alcova.

- Quem é você? Perguntou trêmula.
 - Vim de Saturno para amar você.
 - Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou.
 - O que importa é que você está me sentindo.
 E sentia-o mesmo. Teve um *frisson* eletrônico .
 - Como é que você se chama? Perguntou com medo.
 - Pouco importa.
 - Mas quero chamar seu nome!
 - Chame-me de Ixtlan.
 [...] Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria seu corpo era da mais sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura coagulada. (LISPECTOR, 2000, p. 16-17).

No evento do aparecimento da personagem insólita há muito de fantástico, de onírico, o que pode sugerir uma hipótese de leitura que entenda o evento como fantasia, imaginação. Há também muito de mitologia. Um mosaico frenético de sugestões míticas. Saturno, o lugar de onde veio Ixtlan, ao mesmo tempo planeta, mas, sobretudo, a versão romana de Cronos, o deus do tempo, filho do céu e da terra. De novo a menção à ambivalência sagrado/terreno, presente ao longo, não apenas do conto *Miss Algrave*, mas, repetimos, de toda a coletânea. E, como também já apontamos, de grande parte da obra da autora. Ixtlan tem uma coroa de

serpentes na cabeça, numa clara referência à Medusa, a figura mitológica feminina que vive na solidão por odiar homens e mulheres e que transforma em pedra quem a ela lance o olhar. Por sua vez, Ixtlan parece querer sugerir alguma relação com uma provável obra do antropólogo e escritor peruano-estadunidense Carlos Castaneda, publicada 1972, intitulada *Viagem a Ixtlan*⁶.

Esse mosaico mítico pode querer aventar um contraponto à tradição cristã-protestante que claramente rege o etos da protagonista, na medida em que pode ser compreendida tal perfilamento de sugestões mitológicas como a instauração de certo paganismo, insinuando o questionamento da repressão do corpo, da interdição do erótico, quem faziam parte do aprendizado de vira de Ruth Algrave. É emblemático que ao evento fantástico, onírico, do aparecimento de Ixtlan, de quem se pode dizer ser uma figura masculina, pelo uso do pronome “ele” por parte da voz narrativa, estejam associados estes aspectos míticos sugestivos da cultura pagã. Talvez aqui esteja uma contestação dos valores judaico-cristãos da cultura em que se viu modelada a protagonista.

De acordo com Chauí (1984, p. 76),

[...] entende-se por repressão sexual o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais e não-genitais. Essas regras, normas leis e valores são definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também.

Parece evidente que tais normas e valores buscam afetar com mais veemência o conjunto dos modos de comportamento da mulher. Sua sexualidade e seu erotismo, as escolhas e orientações que estão envolvidas nestes aspectos do ser mulher são vigiados, controlados e regulados com um aparato discursivo intenso e espesso. Discursos que visam à desqualificação de modos de ser mulher destoantes.

Em *Miss Algrave*, após o evento insólito e epifânico do surgimento de Ixtlan, a figura masculina que conduz a protagonista ao libertador mundo do desconhecido e do interdito, há referências à emancipação dos ditames da religião que aprisionavam Ruth Algrave:

Começou a suspirar e disse para Ixtlan:
- Eu te amo, meu amor! Meu grande amor!

⁶ A mencionada obra trata-se da tese de Doutorado do escritor e antropólogo e narra a história de uma personagem em busca do conhecimento, autoconhecimento e equilíbrio através de longa jornada espiritual e existencial. A personagem protagonista faz referência ao mito moderno do D. Juan.

Aconteceu. Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais.

[...]

Perguntou-lhe: quando é que você volta?

Ixtlan respondeu:

- Na próxima lua cheia. Mas eu não posso esperar tanto! Vou morrer de saudade de você! Como é que eu faço?

- Use-se.

[...]

Ela o amava e ia esperar ardentemente pela nova lua cheia. [...] Com ele não fora pecado e sim uma delícia. Não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido. Comeu *filet mignon*. A carne sangrenta era ótima. E tomou vinho tinto italiano. Era mesmo privilegiada. Fora escolhida por um ser de Saturno. [...] Sentia-se bestial. Não tinha mais nojo de bichos se amando. Também não tinha mais repulsa pelos casais do parque.

Como era bom viver. Como era bom comer carne sangrenta. Era agora imprópria para menores de dezoito anos.

[...] Só que morria de saudade. Volte, my Love.

Sim. Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha?

[...] Não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de sair deixou na mesa de cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisando de dinheiro.

[...]

Na segunda-feira não foi mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. (LISPECTOR, 2000, p. 18-20).

Não há como ficar sugerida uma transformação radical na vida da protagonista. Valores que regulavam seu comportamento são solapados. Modos de apreensão do mundo dos homens são abalados. A compreensão de si é subvertida. A perspectiva com que via o conjunto de fenômenos sociais, culturais, biológicos parece operar um giro de 360 graus. Mas se percebe que a adoração a Ixtlan ainda persiste como marca da dependência de seus desejos à figura instauradora dessa transformação radical. Mas Ixtlan não retorna mais. E não sabemos se de fato chegou a existir senão enquanto figura imaginada, criada oniricamente, como forma de catarse, sublimação, escape, libertação.

Tal libertação, como sugere nossa leitura desde o princípio, não se dá sem a ambivalência da perda de um paraíso original mediante a desobediência, condição ao mesmo tempo existencial e cultural, definida socialmente. Tal ambivalência, embora vivenciada pela condição humana, ainda mais contundente é quando experienciada pelo feminino.

O sexo é o pecado original: primeiro pecado e pecado da origem. É a queda vertiginosa dos seres humanos que se descobrem separados e diferentes de Deus porque possuem corpo [...], são finitos e mortais. O pecado original é a descoberta e a articulação, impossível de ser desfeita, entre sexo e morte. É também a descoberta

da vida como pena, como trabalho. [...] Destruição da felicidade primordial (CHAUI, 1992, P.178).

Benção e maldição, emancipação e pena pela angústia, solidão, banimento social, destinos do feminino costurados no tecido social, ainda delimitação de possibilidades de modos de ser e de estar no mundo. Mas discussão crítica, questionamento, contestação dessa delimitação, desse emparedamento. A literatura cumpre também esse seu papel político, essa sua sina existencial para a discordância, a subversão, a contrafação do ser-dado, a configuração do poder-ser. A produção literária de autoria feminina opera transformações, tocada que é também por um conjunto amplo e diverso de transformações epistêmicas, culturais, filosóficas, no modo de ver, de apreender o mundo.

As mulheres, ao longo de sua história, como escritoras, não ousaram tanto, no plano da ficção, subverter a ordem estabelecida. Sempre estiveram submetidas a uma lógica de interpretação baseada no domínio masculino, sem referencial e força para poder inverter ou desestabilizar a ordem em que eram interpretadas. A partir do século XX, no entanto, basicamente depois de sua primeira metade, é que encontramos obra de valores subversivos, com temáticas direcionadas para a incorporação da lógica de pertencimento associada a noção de emancipação pela liberação do desejo das mulheres numa cultura marcada por valores falocráticos [...]. Passa-se a reivindicar o direito do uso do corpo [...] (SILVA, 2010, p. 53).

Em Clarice, essa subversão é marcada pela ambivalência. Sempre um questionamento, talvez ainda marcado pelo não desmembramento completo da autora dos valores sociais ligados ao patriarcalismo, ao falocentrismo. De todo modo, sua obra e, em particular, *A via crucis do corpo*, e mais especificamente, o conto *Miss Algrave*, discutem o emparedamento sociocultural em que se via enclausurada a mulher, vítima mais evidente dos interditos relacionados ao erotismo, ao uso do corpo como plenitude de vida.

Concluimos nossa leitura com o questionamento feito por Ruth Algrave, quando de sua sensação de libertação pela assunção do gozo, depois do aparecimento de Ixtlan, pela perda dos receios e pavores internalizados mediante a difusão de normas por uma cultura marcada pelo cerceamento e pela punição do erotismo, sobretudo com relação à mulher. A ambivalência permanece e nem tudo é tão claro, tão vívido e tão simples na experiência da liberdade.

Depois foi ao Hyde Park e deitou-se na grama quente, abriu um pouco as pernas para o sol entrar. Ser mulher era uma coisa soberba. Só quem era mulher sabia. Mas pensou: será que vou ter pagar um preço muito caro pela minha felicidade? Não se

incomodava. Pagaria tudo o que tivesse de pagar. Sempre pagara e sempre fora infeliz (LISPECTOR, 2009, p. 19).

Embora seja evidente essa complexidade na experienciação do corpo e do erotismo como evasão de toda uma carga de proibições e interdições, complexidade marcada por questionamentos, indagações, dúvidas e hesitações, é ainda mais clara a decisão de imergir nesse novo mundo, até então desconhecido, porque proibido, interdito, mundo novo de conhecimento de si, o sujeito-corpo, o sujeito-gozo, emancipação por tanto tempo adiada. É tal a experiência de Ruth Algrave. É tal a sua resposta às próprias indagações: De todo modo, de qualquer maneira, “Sempre pagara e sempre fora infeliz”. Agora, urgia e emergia a felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Clarice Lispector, marcada em sua produção romanesca pela representação intimista da realidade, destoando, em certo sentido, da literatura social que a precedeu na linha de nossa historiografia literária, evidencia-se, sobretudo em suas narrativas curtas por certo psicologismo de acentuado caráter onírico. A investigação temática realizada por sua escrita muitas vezes quase surreal, ainda assim, quer nos parecer, não exclui a visão clara de uma sociedade que impõe códigos de postura, modelos de comportamento e exclui alguns sujeitos e grupos humanos. A discussão existencial das dores do ser humano incorpora, de maneira evidente, a representação da realidade da mulher. Representação que, é verdade, oscila entre a resistência e o conformismo, a transgressão libertadora e a obediência cristalizada pela exaustão. É este o quadro da ambivalência vivenciada psicologicamente por suas personagens, sobretudo as mulheres.

Transitando entre a moralidade das conveniências sociais e a oferta de prazeres que muito frequentemente estão para além dessas conveniências, sobretudo quando se trata do sujeito mulher, as narrativas dessa coletânea de onde escolhemos o conto para interpretar criam universos em que a mulher se vê na condição de transmutar os valores e códigos de comportamento disseminados em sua cultura ainda sexista, falocêntrica e patriarcal. Essa quebra de valores, essa transgressão, no entanto, em Clarice, na coletânea e também no conto que analisamos, é marcada pela ambivalência de personagens femininas que experienciam a emancipação dos ditames e interdições sociais através de situações e eventos ficcionais que flertam com o fantástico. Os universos oníricos, carregados de símbolos e alegorias, situações insólitas, elevam a personagem ao desconhecido e proibido mundo das sensações físicas do gozo. A ambivalência se dá, como tentamos demonstrar ao longo de nossa leitura, pela sensação posterior de arrependimento, exaustão que procria angústia e autorreconhecimento punitivo.

A coletânea *A via crucis do corpo* é obra emblemática dessa ambivalência. O conto *Miss Algrave* elabora, flertando com a narrativa do insólito, a discussão sobre a condição feminina entre o interdito e o prazer, e, evidentemente, o maremoto de sentimentos e aflições díspares, contraditórias, que esta condição suscita quando de seu transbordamento mediante comportamento considerado pelos códigos sociais como inapropriado e inaceitável. Códigos

introjetados pela personagem em toda a sua existência até o momento da situação insólita libertadora e criadora de certa angústia.

Essa ambivalência da obra clariceana decerto desagrade uma certa crítica de tendência feminista, que não vê com bons olhos essa angustiante hesitação entre o libertar-se e o continuar aprisionada. De todo modo, e não tendo sido nossa proposta de leitura embasada propriamente nessa linha crítica, consideramos a relevância de sua obra para a abordagem, discussão e debate da vivência, da experiencição, da condição da mulher na sociedade da segunda metade do século XX.

Trata-se mesmo de uma obra que muito tentou escapar do tom panfletário e, por vezes, se aproximou, por isso mesmo, da poesia em prosa, da narrativa fantástica. Embora tendo empreendido essa fuga, esse distanciamento de uma literatura social mais realista, mais fotográfica, típica de nossa produção literária anterior aos seus escritos, as narrativas de Clarice Lispector, para nós sobretudo seus contos, traduzem, ao seu modo, intimistas e psicológicas, tantas vezes insólitas, a condição da mulher imersa no turbilhão de forças e resistências características do jogo entre prazer e interdição, gozo e pecado, transgressão, pena e angústia.

Esperamos que tenhamos tido êxito na tentativa de demonstrar tais aspectos a partir da proposta de leitura que empreendemos sobre o conto *Miss Algrave*.

REFERÊNCIAS

- BOACAYUVA, Helena. **Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T&A QUEIROZ, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. Do prazer & do gozo ou do gozo & do êxtase. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias; RIBEIRO, Maria Goretti. (Orgs.). **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2013.
- GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno: 1922-1982. In: _____. **Do Barroco ao moderno**. São Paulo: Ática, 1989.
- PAIVA, Vera. **As voltas do feminino**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PORTIERI, Regina. **Clarice Lispector, uma poética do olhar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologia**. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: ROSENFELD, Anatol [et al]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. São Paulo: Vozes, 1979.

SILVA, Antonio de Pádua Dias. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina:** vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2010.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** São Paulo: Ática, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado:** a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record, 1998.